

DIÁRIO DE BORDO

Grupo AEB

6 de setembro

Clara - A minha lealdade e admiração pelo trabalho do CIDAC e do Stéphane, que acompanhei no projeto Erasmus+ “Jovens embaixadores do comércio justo”, levou-me a aceitar o desafio de fazer esta formação de 50 horas. O tema da Educação para a Cidadania Global é algo que desperta a minha curiosidade e interesse e que eu gostaria que se tornasse o eixo fulcral do meu trabalho enquanto professora de francês. Gostaria de fazer a diferença na vida dos meus alunos percorrendo com eles, lado a lado um caminho que nos faça crescer e desenvolver enquanto cidadãos ativos, responsáveis e participantes no mundo que nos rodeia. Procurava, pois, basicamente, inspiração, lufadas de ar fresco, balões de oxigénio para a minha vida profissional, mas também pessoal.

O horário estipulado para esta ação de formação, nomeadamente, alguns sábados durante todo o dia, foi um obstáculo que tive de ignorar para não trazer energias negativas ao trabalho que seria proposto.

Nesta primeira sessão da nossa oficina, fiquei muito agradavelmente surpreendida pela simpatia dos colegas, e dos formadores, claro, e pelo clima de bem-estar e cumplicidade que se gerou muito naturalmente entre todos. Recolhi também ideias inovadoras que pude introduzir no início do ano letivo. E sobrevivemos ao calor intenso que se fazia sentir.

No final levámos os colegas a visitar a nossa escola e ficou a promessa de também irmos conhecer a sua escola.

7 de setembro

Clara - Nas instalações do CIDAC fomos muito bem recebidos e o dia estava mais ameno. E vivemos o primeiro sábado de trabalho de uma forma tranquila e empenhada. Começámos a esboçar o percurso pedagógico que iria orientar os nossos projetos. Desvendar e aprofundar o problema central, atuar, avaliar a atividade e partilhar os seus resultados - eram as etapas que se perfilavam no horizonte.

Mas o grande desafio foi entrar em sintonia com o projeto escolhido pela maioria de nós e formar grupo. O grupo AEB tornou-se a escolha acertada por ser mais prática.

As dinâmicas que nos sugeriram e que não fazem parte das nossas atividades diárias animam pela leveza, mas igualmente pela pertinência. Levam-nos a pensar que é possível alterar as nossas práticas pedagógicas e que estejamos, talvez, a ser demasiado exigentes e intransigentes nos nossos tempos com os alunos.

CIDAC - A discussão dos problemas ocorreu à volta da temática da participação dos alunos, da necessidade de mais espírito crítico (por parte dos jovens) e introduziram a preocupação sobre a ligação com a escola, dos alunos com os espaços verdes.

Como fazer entrar o “fora” dentro da sala de aula, a sala de aula dentro do espaço externo...

Como valorizar, “rentabilizar” a envolvente externa da escola.

A conversa foi-se afunilando no sentido da correlação entre valorização dos espaços verdes e os níveis de participação dos jovens.

13 de setembro

Clara - Em véspera do início do ano letivo, foram as instalações e os colegas da Escola Lindley Cintra que nos acolheram em mais um dia de intenso calor.

Continuámos a dar forma ao nosso projeto partindo da pergunta “Como podemos melhorar o espaço exterior da escola”. Não foi fácil chegar aqui; ter uma perspetiva objetiva que nos orientasse acerca do que gostaríamos de mudar e melhorar na nossa escola. Ter em conta que a vertente da educação para a cidadania global seria sempre o nosso eixo de ação; sensibilizar a comunidade escolar, nomeadamente os nossos alunos para o exercício do espírito crítico, de uma conduta responsável e amiga do ambiente e no respeito pelos valores humanistas.

E o tempo passou a correr.

CIDAC - A problemática que pensámos foi: “Alguns espaços exteriores da nossa escola não são usados como espaços de lazer ou aprendizagem. Porquê? Queremos que passem a ser.”

Elisa - Não pude estar presente nas duas sessões anteriores mas quando cheguei senti o entusiasmo e as energias positivas que uniam os participantes na procura de respostas para a implementação de uma Educação para a Cidadania Global. Tenho consciência que foram as pessoas que constituem este grupo, com a sua motivação para a mudança, que me fizeram acreditar que seria possível levar a cabo um projecto de transformação de algum espaço da escola e que envolvesse os nossos alunos. Desta forma estaríamos a trabalhar as competências relacionadas com a cidadania pois o cidadão deve ter consciência do espaço público, apropriar-se dos espaços que frequenta e “cuidar” desses espaços procurando estar atento à realidade envolvente e sempre que se justifique deve partilhar opiniões sobre a sua utilização, promover ações coletivas que visem a sua transformação, procurando torná-lo mais acessível e mais agradável, entre outros aspetos.

Penso que a participação dos alunos neste tipo de projectos promove a cidadania pois contribui para uma maior identificação com o grupo e por essa via contribui também para uma maior coesão social. É também de realçar que sempre que os alunos são chamados a participar em escolhas ou decisões eles irão ficar mais atentos e vigilantes no cumprimento das medidas implementadas.

No final desta sessão senti uma grande identificação com os princípios apresentados e desta forma considero que funcionou como uma recarga de energia motivadora que me permitirá enfrentar os próximos tempos com mais confiança.

14 de setembro

Clara - Um casamento no Norte afastou-me do nosso nobre projeto e do convívio dos colegas.

CIDAC - Neste dia, reelaborámos ligeiramente a nossa problemática. Ficou assim: “Existência de alguns espaços exteriores da Escola que não estão a ser utilizados nem como espaços de lazer nem como espaços de aprendizagem, o que conduz a algum distanciamento ou não apropriação de estudantes e docentes em relação à escola.”

Ao fim do dia, a sensação de estarmos (CIDAC) um pouco mais próximas da realidade das escolas.

3 de outubro

Clara - Após duas horas de intenso trabalho, concordámos na forma de questionário simples que iríamos aplicar para recolher as opiniões de alunos e adultos da nossa comunidade educativa. O projeto do AEB vai mesmo sair do papel, para depois ter de voltar a ele...

As ideias e a certeza delas levam mais tempo do que pensaríamos. Integrar as opiniões de quatro elementos necessita de abertura para o confronto e o encontro na partilha.

E pensava que tinha gravado esta sessão no diário de bordo e não o fiz. Modernices...

10 de outubro

Clara - Vamos tentar recolher testemunhos de alunos e adultos sobre o nosso tema central, até ao final do mês.

Depois da conversa casual, mas importantíssima com a Clara Teixeira, professora que está na escola há 20 anos e integrou vários projetos de Comércio Justo, talvez o resultado dos nossos inquéritos nos venha trazer surpresas...

CIDAC - algumas notas sobre a conversa com a Clara Teixeira

Ela não acha que os espaços estejam abandonados. Os alunos usam-nos. Há novas mesas. Já não se usam, porém, como espaço de aulas ao ar livre.
Sobre a história da escola:

Ao início, diziam que a escola estava “careca”. Fizeram uma festa quando vieram as árvores.

Vivia uma pessoa na escola, que tomava conta dos espaços. A manutenção dos espaços externos é muito cara e é paga pela escola. É um espaço muito grande. Em setembro, os espaços externos são “limpos”. Geralmente, é contratada uma IPSS.

O terreno tinha muita água, daí o nome das várias localidades à volta (Sete Rios), do próprio centro comercial: Fonte Nova. Hoje, falta água. Há uma bomba para a cascata, mas nem sempre funciona.

O projeto da escola nasce de uma parceria / projeto arquitetónico nórdico. Tinha espaço para os esquis!

O portão principal da escola era em cima. Depois, fecharam-no e passou a ser o atual.

Alguns edifícios projetados nunca chegaram a ser construídos, como a cantina (não a atual, que é de todo o agrupamento) e um auditório.

O pavilhão polidesportivo era para toda a comunidade. Ainda hoje é utilizado por outros grupos.

Acha que não vale a pena perguntar aos alunos o que acham e o que querem. O ministério da educação fez auscultações o ano passado e os alunos pediram tablets.

26 de outubro

21 de novembro

CIDAC - Há novos elementos a ter conta, a escola mexe. Foi apresentada uma candidatura à CML (programa “Fazer acontecer”), por vários docentes e que toca precisamente os espaços externos (rampas, fazer um jardim, apiário...).

A gestão do Agrupamento passou para a CML, pelo menos a gestão dos espaços externos. Esta questão não está bem clara, nomeadamente a abrangência das competências da CML relativamente à escola.

A Lourdes contou que na sua direção de turma (há um projeto interdisciplinar que 11.º ano) que também se foca nos espaços externos. Tem sido uma experiência muito interessante e que tem envolvido os/as alunos/as.

Levantaram-se algumas questões relativamente à existência de recursos para levar a cabo a ação que se desenhar. Foi também levantada a pertinência da problemática face a estes desenvolvimentos e aos resultados dos inquéritos. Para onde caminhar? O envolvimento e participação dos/as estudantes - questão identificada nas primeiras sessões da formação - parece ser um elemento que preocupa o grupo.

Clara - Pois é, a escola mexe. Durante a nossa fase de inquérito, e em conversa com a Teresa Reis da direção e a Lina Velez da biblioteca, apercebo-me de que não faltam planos para o espaço exterior da escola. Não vão passar por nós, nem pelos nossos alunos, parece-me. Instituições mais altas se levantam. E também não parece ser esta a prioridade identificada pelos nossos inquéritos. As salas de aula, sem intervenção desde o início da escola, parecem ser o ponto fraco do nosso estabelecimento de ensino. E neste aspeto, não se vislumbra ainda, apesar de muitas promessas anteriores, qualquer ação. Portanto, é preciso um plano B. Durante a aplicação do inquérito às turmas, apercebo-me que o tempo foi mal calculado e não previu conversa e debate de ideias. O inquérito previsto para os professores mais antigos na escola, que contava apurar informações sobre o passado do espaço exterior da escola, não parece agora ter cabimento, até porque nos demos conta de que, ao contrário do que podíamos pensar, a escola está agora mais bem aproveitada e cuidada. Foi, pois, com algumas incertezas que recebemos a Cecília. Em que ponto nos encontramos e estará na altura de mudar o rumo ao nosso trabalho?

É certo que sabemos agora mais do que há umas semanas; caíram algumas ideias feitas e por isso, a reflexão e outras tomadas de decisão tornam-se indispensáveis. Continuo a insistir na premência de apelar ao espírito participativa e crítico dos nossos alunos. É então que a Cecília lança várias hipóteses, uma das quais - fazermos uma petição - parece agradar a todas. Vamos então amadurecer esta ideia e pesquisar um pouco.

Já o fiz, entretanto, para me situar nesta figura de exercício da nossa cidadania que é a petição pública. Penso que não se fez na nossa escola, até agora, mas talvez desse visibilidade às nossas preocupações e às dos nossos alunos e nos desse a todos um sentimento de pertença e de voz ativa (o nome do jornal da escola, e sem dúvida potencial parceiro nesta aventura...) na vida da nossa escola.

30 de novembro

Clara - na sessão de hoje, fizemos o apanhado das respostas ao nosso inquérito aos alunos e ficou para depois fazer o mesmo aos questionários à comunidade educativa, visto que não estavam completos.

Relativamente aos alunos, considerámos um universo de oito turmas - três do 9º ano e cinco do ensino secundário - cerca de 180 jovens.

O espaço exterior da escola surge em primeiro lugar nas avaliações de bom e muito bom dos alunos, e apenas oito lhe atribuem nota 1, ou seja, muito insuficiente. A biblioteca é o segundo local com melhor pontuação, seguida do ginásio, do bloco C, anfiteatro que funciona como sala de convívio dos alunos, do bar e das salas de aula que obtêm as piores avaliações. As salas de aulas registam mesmo o maior número de avaliações de muito insuficiente.

Quanto à questão de que forma são utilizados os espaços exteriores da escola, os alunos responderam, maioritariamente, para conviver e socializar, seguido de fazer refeições e estudar.

Foram solicitadas sugestões de melhoria destes espaços, ao que os alunos responderam, maioritariamente - fazer telheiros, arranjar o campo de futebol existente e construir outros, melhorar os acessos...

E de forma os alunos questionados poderiam agir nesta problemática? Fazendo um brainstorming, angariando verbas, entre outras ações.

Numa apreciação preliminar dos inquéritos já aplicados aos representantes da comunidade escolar, neste caso, funcionárias e encarregados de educação, num total de quatro, a que corresponde metade do grupo que pensámos constituir, podemos apurar que também o espaço exterior é o mais bem avaliado, seguido do bloco C e das salas de aula.

Nesta fase do nosso trabalho, penso que podemos concluir que os resultados que obtivemos na pequena investigação que conduzimos, foram surpreendentes. Não esperávamos que o espaço exterior da escola obtivesse as excelentes avaliações que lhe foram atribuídas, o que, de alguma forma, vem relativizar a nossa problemática. Afinal, o espaço que pensávamos desagradar a todos pela falta de manutenção e versatilidade, mostra-se bem apreciado e avaliado. Por outro lado, são as salas de aula que registam as piores avaliações.

Entretanto, ou pela ação da Câmara Municipal ou da Junta de Freguesia, de uma forma mais global, ou através da intervenção de pequenos projetos vindos das turmas, parece que 2020 poderá trazer novidades, boas novidades, neste capítulo. Pelo contrário, continua sem data prevista a urgente recuperação e modernização dos espaços interiores da escola.

Iremos avançar com uma petição na nossa escola, que envolvesse toda a comunidade escolar e que desse, de facto, protagonismo ao papel cívico dos alunos? Se decidirmos fazê-lo, penso que teremos um forte aliado na recentemente eleita Associação de Estudantes.

Havia trabalho de casa a fazer antes da nossa próxima reunião com a Cecília, dia 9 de janeiro, às 14h30, e eu terminei de fazer o meu!

CIDAC - Olhando para os inquéritos realizados pelas 4 professoras e pelas novidades na escola, relativamente aos espaços exteriores, percebe-se que as pessoas estão/são sensíveis a estas estruturas da escola. Existem perspectivas diferentes, algumas pessoas também acham que seria necessário melhorar, mas num cômputo geral, são outros os espaços escolares que mais preocupam quem os utiliza: as salas de aula. Faltam ainda os dados dos inquéritos aos e às docentes. Com esses dados, poderemos finalizar a sistematização e análise dos dados.

Fiquei de levar os cartões da primeira sessão para a nossa próxima reunião, para podermos enriquecer este diário de bordo com outras sensações e olhares.

16 de janeiro 2020

CIDAC - juntámo-nos para começar a pensar o plano de ação. Porém, o desânimo devido a um perda de rumo surgiram neste momento.

Vamos tentando perceber o que aconteceu e o que se pode fazer. O CIDAC não está dentro da escola, pelo que nos é difícil compreender esse quotidiano, na sua complexidade e globalidade. Mas temos pena que o final de uma primeira etapa não tenha conduzido a algo novo, a um próximo passo. Faz parte do processo e vamos aprendendo com a realidade, sem perdermos a esperança nos processos coletivos, nem o nosso interesse em trabalhar com professores/as e estudantes, na sua própria escola.

18 de janeiro 2020

Clara - Foi um fecho de formação diferente dos que tenho tido até agora. Porque a última sessão foi a avaliação dos trabalhos dos grupos que apresentaram as suas iniciativas, memórias fotográficas, diários de bordo, inquéritos, entrevistas, e outros documentos. Até houve música de intervenção, no verdadeiro sentido da palavra, já que era esse o espírito desta formação.

Trocaram-se balanços, conquistas, mas também frustrações...

O real impacto desta ação só o conheceremos mais tarde, pois tudo em educação demora, nem sempre os resultados são visíveis, e por vezes, os progressos vêm timidamente.